

Sextas-feiras, 14 às 17h45, segundo semestre de 2016, DAN/UnB

Soraya Fleischer

fleischer.soraya@gmail.com

The only way I can get anything written at all is to write really, really, really shitty first drafts. All good writers write them. This is how they end up with good second drafts and terrific third drafts. (Anne Lamott, *Bird by Bird: some instructions on writing and life*, 1994, pp. 21-22).

There are no shortcuts. Writing is work and good writing is hard work. (Andrew Barnes, *Stories for readers: a few observations from outside the academy*, 2011, p. 61).

A escrita é uma espécie de vingança. Eu tinha tudo para não estar aqui. Eu tinha tudo para não estar do lado dessas outras escritoras. E estamos: falando a mesma linguagem, estamos juntas pelo mesmo motivo. Escrever também faz parte de uma resistência e, mais que uma resistência, de uma afirmativa de que as classes populares têm o direito à escrita, à leitura, ao livro, aos festivais de literatura, às representações. (Conceição Evaristo, Entrevista à #KD Mulheres, 18/07/2016)

INSPIRAÇÕES

1. Temos aprendido a escrever etnografias pela prática de ler algumas delas. Mas a leitura tem, muitas vezes, o objetivo de captar os dados, a teoria utilizada, a genealogia institucional, a consistência lógica e argumentativa etc. Tudo isso compõe um texto etnográfico. Mas não chegamos, em geral, a discutir como essas etnografias foram escritas, que escolhas estilísticas e retóricas foram tomadas, como as informações e os capítulos foram organizados e apresentados, que materiais além da linguagem escrita foram utilizados. Sugiro haver certo desprestígio do “como” e “para quem” diante do “que” se escreve. Aprendemos a escrever por mimetismo nem sempre consciente. Nesse curso, continuaremos a ler, mas pensando sobre **como** aquele texto foi escrito e é, por nós, recebido.
2. A escrita depende da leitura, são atividades complementares e embaraçadas. Para produzir boas etnografias é preciso conhecer, ler e distinguir boas etnografias. A tendência tem sido a leitura parcial de monografias ou a opção por artigos em periódicos e capítulos de livros. A leitura completa de uma monografia permite conhecer, por exemplo, as motivações da autora, suas inspirações teóricas, sua inserção no campo de pesquisa, seus relacionamentos com as interlocutoras, as maneiras de dispor as diferentes vozes e controvérsias, o diálogo entre as diferentes partes do texto etc. O tempo exigido para se concluir a leitura de uma monografia é outro, é o tempo da convivência com a autora, o tempo para se deixar ser tocada pela sua forma de fazer antropologia. O tempo para ler uma monografia desafia a pressa e dispersão da atual vida acadêmica. Por isso, talvez seja um ato de resistência, em consonância com o movimento de *slow science*, para retomarmos o encontro entre palavra, afetação, reflexão e escrita.
3. Muito da exigência acadêmica atualmente é pela publicação e produtividade, embora não temos aprimorado espaços para discutir se, como, para quem e quando escrever e publicar.
4. Vivemos de contar histórias, dos poemas às fofocas e às conversas de boteco. Somos narradoras, precisamos contar de nós e, pela antropologia, contar também com/sobre as outras. Mas noto como, na formação acadêmica, a literatura romanceada vai perdendo espaço. É importante mantermos viva nossa imaginação como narradoras, (re)aprendendo a como contar uma história, como honrar os segredos e memórias que nos foram revelados, como manter a atenção e interesse de nossa audiência, como impactar e promover mudanças com nossos escritos.
5. Noto que grande parte da escrita ao longo da formação na pós-graduação é adiada para o final, quando dissertações e teses precisam ser produzidas, depositadas e defendidas. Dessa forma, a escrita dificilmente é uma prática cotidiana. A ideia é formarmos um hábito de escrever diariamente, contribuindo para naturalizá-lo como um processo cumulativo de intimidade com nossas ideias, nossas experiências nos encontros etnográficos e nossa capacidade de transformar tudo isso em textos que prendam a atenção, comovam e transformem nossas leitoras. Além disso, pretende-se desmitificar a ideia de que o bom texto “sai de primeira” e reforçar a ideia de que qualidade surge do trabalho braçal, repetido e resiliente de releitura e reescrita.

6. Tenho observado, como o aprendizado horizontal é raro nas disciplinas de graduação e pós-graduação. Julgo-o, além de importante, bastante produtivo. Essas são oportunidades para que as discentes possam conhecer e discutir a sua produção, permitindo que experiências e, sobretudo, dificuldades de escrita sejam compartilhadas enquanto o processo de escrita está acontecendo (e não depois, quando prazos e tarefas já tenham sido cumpridos). Há ganhos específicos e distintos em ouvir as opiniões críticas de uma colega em vez das de uma professora, orientadora, parecerista, membro de banca etc. Compartilhar nossos escritos é também aprender a fazer e receber críticas e elogios face a face. Mais compreensão, generosidade e gentileza são necessárias nesse encontro presencial. Além disso, ler a produção local e contemporânea ajuda a problematizar a valorização única do cânone, estrangeiro, branco, masculino, anônimo e distante. A proposta, portanto, é também lermos textos de nosso tempo, de nossa geração.
7. Embora muito de nosso trabalho aconteça na presença de muitas pessoas (em campo, em sala de aula, em equipes de pesquisa, em eventos), a prática da escrita tem se estabelecido como individual, isolada e solitária. Já a apreciação coletiva da produção escrita se dá, geralmente, em momentos de muita tensão e hierarquia, como bancas, congressos, seminários etc. Rodas coletivas de escrita e leitura podem servir como ensaios intermediários e menos solitários. Assim, coletivizar a experiência de escrita pode ajudar a repensar epistemologicamente a antropologia em seu *modus operandi* convencional.
8. Em uma carta das estudantes da Katakumba em fins de 2012, houve um pleito de que a produção discente encontrasse mais oportunidades de ser apreciada e discutida, para além dos trabalhos finais de disciplinas e as bancas de defesa. Foi nesse esteio, por exemplo, que criaram as “Conversas da Kata”. Naquele mesmo ano, ofereci a primeira edição desse curso que, além de muita discussão e escrita, resultou em seis textos publicados (três resenhas, um capítulo de livro, um artigo em periódico e uma dissertação de mestrado). Em 2014, ofereci a segunda edição que resultou em uma palestra e seis textos publicados (uma resenha, quatro artigos em periódicos e um capítulo de dissertação de mestrado).
9. Como professora de uma universidade pública, meu compromisso deve ser com a docência, a pesquisa e a extensão, embora eu tenha sido formada, basicamente, para ser pesquisadora. De forma um pouco autodidata e interessada, tenho me tornado professora a cada novo semestre, ao aprender com minhas estudantes sobre como pensam, fazem e escrevem antropologia. Por isso, parece-me tão importante, enquanto atividade de formação discente e docente, conhecer e discutir o que está sendo produzido nesse momento pelo corpo discente no DAN.

OBJETIVOS

- a) Criar uma atmosfera agradável, acolhedora, coletiva e produtiva para a discussão sobre a escrita etnográfica.
- b) Produzir textos, ao longo do semestre, que tenham por base dados de pesquisa e estejam na agenda de trabalho de cada estudante (capítulos de dissertações/teses, artigos para periódicos, *papers* para congressos, relatórios de pesquisa, resenhas etc.).
- c) Estimular a leitura e crítica horizontais.
- d) Conhecer a produção monográfica recente e contemporânea.

AVALIAÇÃO

- | | |
|--|------------|
| 1. Participação e contribuição em sala de aula. | 20% |
| 2. Leitura de quatro monografias e produção de quatro textos de aula (que, em duas laudas, devem apresentar a ideia/argumento central da monografia e pontos centrais sobre sua escrita). | 30% |
| 3. Escrita de um texto (a. Linearidade do texto e clareza da exposição de ideias; b. Boa apresentação; c. Adequação do tipo de texto à audiência almejada; d. Apresentação, descrição e análise dos dados). | 20% |
| 4. Reescrita desse texto . | 20% |
| 5. Parecer sobre o texto reescrito. | 10% |

CRONOGRAMA

Data	Textos
19/08	Apresentação das participantes, da professora e do curso. Planejamento do programa e combinados para a boa convivência. Exemplos de escrita antropológica.
26/08	bell hooks. “Introduction”. In _____. <i>Teaching to transgress</i> . Nova Iorque: Routledge, 1994, pp. 1-12.

	<p>WOLF, Margery. "Ruminations with a view(point)". In _____. <i>A thrice told tale: Feminism, postmodernism and ethnographic responsibility</i>. Stanford: Stanford University Press, 1992, pp. 1-14.</p> <p>SILVA, Vagner Gonçalves da. "Desde o campo até o texto", "O vivido e o narrado: o que a escrita fixa?", "Segredos do escrever e o escrever dos segredos", "Políticas das citações: outras academias, outros escritos", "Construindo textos, tecendo tradições". In _____. <i>O antropólogo e sua magia</i>. São Paulo: USP, 2000, pp. 118-157.</p> <p>DINIZ, Debora. "O encontro com o texto" e "O encontro com a escrita". In _____. <i>Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa</i>. Brasília: Letras Livres, 2012, pp. 51-80.</p>
02/09	
09/09	Becker, Howard S. <i>Writing for social scientists: How to start and finish your thesis, book, or article</i> . Chicago: University of Chicago Press, 1986.
16/09	
23/09	PEDREIRA, Carolina. <i>Tecidos do mundo: Almas, espíritos e caboclos em Andaraí, Bahia</i> . Tese [Doutorado em Antropologia Social]. Brasília: UnB, 2015.
30/09	
07/10	LEAL, Natasha Simeí. <i>Nome aos bois</i> . Zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite. Tese [Doutorado em Antropologia Social]. São Paulo: USP, 2014.
14/10	DESCANSO
21/10	
28/10	VAN MAANEN, John. <i>Tales of the field. On writing ethnography</i> . Chicago: University of Chicago Press, 1988.
04/11	
11/11	VILLAS BOAS, Maria José Villares Barral. <i>{Per[for(mar)]} Imagens das crianças no Nêgo Fugido, Acupe/BA</i> . Dissertação. [Mestrado em Antropologia Social]. Brasília: UnB, 2016.
18/11	
25/11	NARAYAN, Kirin. <i>Alive in the writing: Crafting ethnography in the company of Chekhov</i> . Chicago: The University of Chicago Press, 2012.
02/12	<p>MARICATO, Glaucia. <i>Atingidos pela hanseníase, reparados pelo Estado: as múltiplas histórias performadas da lei 11.520/2007</i>. Dissertação. [Mestrado em Antropologia Social]. Porto Alegre: UFRGS, 2015.</p> <p>Encerramento: avaliação do curso e celebração do encontro.</p>

BIBLIOGRAFIA SUGESTIVA

BEHAR, Ruth. *Vulnerable observer: anthropology that breaks your heart*. Boston: Beacon Press, 1993.

BEHAR, Ruth e GORDON, Deborah (orgs.). *Women writing culture*. Berkeley: University of California Press, 1995.

BERKIN, Sarah Corona e KALTMIEIER, Olaf. *Em diálogo: metodologías horizontales en ciencias sociales y culturales*. Cidade do Mexico: Editorial Gedisa, 2012.

- BIGLIA, B. y BONET-MARTÍ, J. "La construcción de narrativas como método de investigación psicosocial. Prácticas de escritura compartida". *Forum: Qualitative Social Research* 10(1), 2009, pp. 1-24.
- BONETTI, Alinne. (org.). "Fragmentos de diários - estratégias narrativas, retóricas, éticas e políticas para se inscrever o fazer etnográfico". In SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta. (orgs.). *Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo*. Porto Alegre: UFRGS, 2010, pp. 125-178.
- BONETTI, Alinne e FLEISCHER, Soraya. "Diário de campo. (Sempre) um experimento etnográfico-literário?". In _____. (orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007, pp. 9-40.
- BOWEN, Elenore Smith. *Return to laughter*. New York: Doubleday, 1964.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever". In _____. *O trabalho do antropólogo*. Brasília/São Paulo: Paralelo 15/UNESP, 1998, pp. 17-36.
- CHARON, Rita. *Narrative medicine: honoring the stories of illness*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- FERNEA, Elizabeth Warnock. *Guests of the Sheik: An ethnography of an iraqi village*. Nova Iorque: Anchor books, 1969.
- FLEISCHER, Soraya. "As aventuras de um livro: uma cronologia comentada da produção de uma coletânea em antropologia". *Latitude*, 7(1), 2013, pp. 149-169.
- FONSECA, Claudia. "O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'". In SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta. (orgs.). *Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo*. Porto Alegre: UFRGS, 2010, pp. 205-228.
- GEERTZ, Clifford. *Works and lives: the anthropologist as author*. Stanford: Stanford University Press, 1988.
- GUBER, Rosana. "El método etnográfico en el texto". In _____. *La etnografía: método, campo y reflexividad*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011, pp. 127-136.
- HASTRUP, Kirsten. "Writing ethnography: state of the art". In OKELY, Judith e CALLAWAY, Helen (orgs.). *Anthropology and autobiography*. Londres: Routledge, 1992, pp. 116-133.
- HATOUM, Milton. "Laços de Parentesco: ficção e antropologia". In Fernanda Peixoto, Heloísa Pontes e Lilia Schwarcz (orgs.) *Antropologias, histórias, experiências*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- LAPLANTINE, François. *A escrita etnográfica*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- LÉTOURNEAU, Jocelyn. "Como comunicar os pensamentos por escrito". In _____. (Org.). *Ferramentas para o pesquisador iniciante*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MINTZ, Sidney. "Encontrando Taso, me descobrindo". *Revista de Ciências Sociais*, 27(1), 1984, pp. 45-58.
- SAID, Edward. "Conhecer o oriental". In _____. *Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANJEK, Roger (org.). *Fieldnotes: the makings of anthropology*. Ithaca: Cornell University Press, 1990.
- SAVAGE MINDS WRITING GROUP. <http://savageminds.org/2014/01/13/announcing-the-savage-minds-writing-group/>
- STRATHERN, Marilyn. *Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.
- THE PARIS REVIEW. Entrevistas com escritores e poetas. <http://www.theparisreview.org/about/>
- WATERSTON, Alisse e VESPERI, Maria D. (Orgs.). *Anthropology off the shelf: anthropologists on writing*. Oxford: Wiley and Blackwell Publishing, 2009.
- WRITING ACROSS BOUNDARIES - <https://www.dur.ac.uk/writingacrossboundaries/writingonwriting/>
- WULFF, Helena (Org.). *The anthropologist as writer. Genres and contexts in the twenty-first century*. Oxford: Berghahn, 2016.